

CATEGORIAS DE ANÁLISE SOCIOESPACIAL: UM ESTUDO EM DIFERENTES ETAPAS DO PROCESSO FORMATIVO DE ARQUITETOS E URBANISTAS

CATEGORÍAS DE ANÁLISIS SOCIOESPACIAL: UN ESTUDIO EN DIFERENTES ETAPAS DEL PROCESO DE FORMACIÓN DE ARQUITECTOS Y URBANISTAS

CATEGORIES OF SOCIO-SPATIAL ANALYSIS: A STUDY IN DIFFERENT STAGES OF THE TRAINING PROCESS OF ARCHITECTS AND URBAN PLANNERS

DILL, FERNANDA MACHADO

Doutora em arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, E-mail: fernanda.dill@gmail.com

FELIPPE, MAÍRA LONGHINOTTI

Doutora em Tecnologia da Arquitetura, Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, E-mail: m.l.felippe@ufsc.br

RESUMO

Aspectos socioculturais estão presentes em qualquer projeto espacial concebido, seja na escala arquitetônica ou urbana, mesmo que os projetistas não tenham considerado tais fatores diretamente na concepção do projeto. Tendo como ponto de partida a pesquisa intitulada tem como objetivo avaliar tais categorias frente a sua aderência aos projetos concebidos por estudantes de diferentes fases do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, o presente estudo tem como objetivo avaliar tais categorias frente a sua aderência aos projetos concebidos por estudantes de diferentes fases do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Para tanto, a pesquisa apresenta as seguintes etapas: Expansão das categorias definidas na pesquisa anterior para que pudessem ser utilizadas em diferentes contextos culturais; Desenvolvimento de um instrumento de análise socioespacial; Definição na amostra de projetos a serem analisados, considerando fases iniciais, intermediárias e finais do processo formativo de arquitetos e urbanistas e considerando duas escalas projetuais, a arquitetônica e a urbanística; Estudo dos projetos e síntese dos resultados; Revisão das categorias de análise e produção de material para o compartilhamento dos resultados da pesquisa. Destacam-se como principais resultados a identificação de todas as categorias analisadas, mesmo que em diferentes níveis de utilização e a relevância da categoria denominada Diálogo e Participação como propulsora da contemplação dos demais aspectos de análise socioespacial considerados.

PALAVRAS-CHAVE: análise socioespacial; formação de arquitetos e urbanistas; processo de projeto em arquitetura e urbanismo.

RESUMEN

Los aspectos socioculturales están presentes en cualquier proyecto espacial concebido, ya sea a escala arquitectónica o urbana, incluso si los diseñadores no han considerado dichos factores directamente en el diseño del proyecto. Tomando como punto de partida la investigación titulada *Categorías de análisis social-espacial: la dimensión espacial del modo de vida Kaingang*, el presente estudio tiene como objetivo evaluar estas categorías frente a su adherencia a proyectos diseñados por estudiantes de diferentes fases del curso de *Arquitectura y Urbanism* en *Universidad Federal de Santa Catarina - UFSC*. Por tanto, la investigación presenta los siguientes pasos. Ampliación de las categorías definidas en la investigación anterior para que puedan ser utilizadas en diferentes contextos culturales; Desarrollo de un instrumento de análisis socioespacial; Definición en la muestra de proyectos a analizar, considerando las etapas inicial, intermedia y final del proceso de formación de *arquitectos y urbanistas* y considerando dos escalas de proyecto, la *arquitectónica y la urbanística*; Estudio de proyectos y síntesis de resultados; Revisión de categorías de análisis y producción de material para compartir resultados de investigación. Los principales resultados fueron la identificación de todas las categorías analizadas, aunque en diferentes niveles de uso, y la relevancia de la categoría denominada *Diálogo y Participación* como motor de contemplación de los demás aspectos del análisis socioespacial considerados.

PALABRAS CLAVES: *socio-spatial analysis; training of architects and urban planners; design process in architecture and urbanism.*

ABSTRACT

Sociocultural aspects are present in any spatial project conceived, whether on the architectural or urban scale, even if the designers have not considered such factors directly in the project design. Taking as its starting point the research entitled *Categories of Socio-Spatial Analysis: The Spatial Dimension of the Kaingang Way of Living*, this study aims to evaluate these categories against their adherence to projects designed by students from different stages of the *Architecture and Urbanism* course at *Federal University of Santa Catarina - UFSC*. Therefore, the research presents the following steps. Expansion of the categories defined in the previous research so that they could be used in different cultural contexts; Development of a socio-spatial analysis instrument; Definition in the sample of projects to be analyzed, considering the initial, intermediate and final stages of the training process of *architects and urban planners* and considering two project scales, the *architectural and the urbanistic*; Study of projects and synthesis of results; Review of analysis categories and production of material for sharing research results. The main results were the identification of all the analyzed categories, even if at different levels of use, and the relevance of the category called *Dialogue and Participation* as a driver of contemplation of the other aspects of socio-spatial analysis considered.

KEYWORDS: *análisis socioespacial; formación de arquitectos y urbanistas; proceso de diseño en arquitectura y urbanismo.*

Recebido em: 03/08/2021

Aceito em: 30/03/2022

1 INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna, caracterizada por fenômenos como a desterritorialização, o desmanche de fronteiras, a efemeridade das produções e das relações humanas, faz emergir uma série de discussões entorno de elementos identitários, ambientais e culturais que têm transformado o fazer arquitetônico e urbanístico das últimas décadas. Por consequência, discutem-se os produtos espaciais deste tempo e a lógica sobre a qual são concebidos, uma vez que o arranjo físico espacial que caracteriza o desenvolvimento urbano e arquitetônico é produto único de uma sociedade, específico de sua cultura (KING, 1995).

O Brasil, em função de sua construção histórica, alicerçada na interação entre diversos povos desde os nativos pré-coloniais, passando pelas interações durante a colonização e os movimentos de expansão comercial e territorial, tem como principal característica de seu povo, a diversidade cultural. É possível observar, nos inúmeros modos de viver no território brasileiro, especificidades que se caracterizam pela culinária, forma de falar, rituais, economia, comemorações, bem como pelas interações com o espaço. No entanto, na arquitetura e no urbanismo brasileiros, pode ser observada certa homogeneização que, principalmente em espaços de uso coletivo, habitações de interesse social e edificações de instituições públicas, admite a implantação de padrões arquitetônicos preestabelecidos.

Estes padrões muitas vezes ignoram as especificidades culturais e ambientais de cada região e sofrem influência de um modelo construtivo externo que, sem aderência ao contexto local, estabelece pouca relação com o entorno no qual se insere. Em contraposição a esse contexto, surge a possibilidade da forma espacial se apresentar como aspecto de identificação cultural. Em inúmeras culturas, observa-se que a forma dos lugares, o material utilizado nas construções e mesmo o modo de fazer revelam características culturais que, absorvidas pelo espaço, criam em seus usuários um sentimento de identificação com o lugar e afirmam sua imagem e especificidade em relação às sociedades envolvidas.

No entanto, mesmo quando se tem a intenção de considerar pré-existências e especificidades culturais, observa-se a carência de suporte metodológico aderente ao contexto nacional para esta análise socioespacial. Ao interagir com contextos culturais diferentes do seu de origem, os profissionais de Arquitetura e Urbanismo têm dificuldade de compreender para onde seu olhar deve ser direcionado no sentido de entender a complexidade que envolve as relações mútuas construídas entre cultura e espaço.

A compreensão dessa questão passa pela pesquisa a respeito das especificidades culturais, pela análise espacial e inter-relação desses aspectos espaciais e sociais/culturais, na tentativa de compreender e descrever uma linguagem socioespacial para cada contexto a fim de apreendê-la e interpretá-la, para que posteriormente possa ser reescrita por meios de intervenções adequadas no espaço.

Desse modo, tomando como ponto de partida a pesquisa realizada por DILL (2019), busca-se o aprofundamento do estudo sobre categorias de análise socioespacial, entendidas como um recurso metodológico para compreensão das relações entre cultura e espaço, com o intuito de redesenhá-las para que se adaptem a diversos contextos culturais e subsidiem intervenções espaciais. Este artigo pretende ampliar, analisar e discutir as categorias de análise socioespacial identificadas em DILL (2019) nos projetos desenvolvidos por estudantes de diferentes fases do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Considerando que tais categorias foram inicialmente identificadas a partir de estudos com um grupo cultural específico, surge a necessidade da avaliação das mesmas no que diz respeito à sua aderência junto às diferentes etapas do processo formativo de profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo. A pesquisa pode gerar adequações, qualificando as categorias de análise e ampliando sua utilização. Estima-se que após o processo de avaliação das categorias identificadas e sua adequação frente ao contexto do processo formativo de profissionais na área, os resultados da pesquisa possam contribuir para delinear estratégias colaborativas e multidisciplinares de análise socioespacial, que subsidiem as etapas seguintes do processo de projeto para diferentes especificidades culturais e espaciais.

A justificativa do estudo se fundamenta nos seguintes fatores: a possibilidade da forma espacial se apresentar como aspecto de identificação cultural; a carência de suporte metodológico aderente ao contexto nacional para análise socioespacial; a necessidade da concepção de projetos a partir de processos participativos que resultem em intervenções mais adequadas ambiental, social e culturalmente e a necessidade de avaliar as categorias de análise já identificadas frente a sua representatividade nos projetos desenvolvidos por estudantes em diferentes fases de formação.

A observação do distanciamento entre obras públicas e seus usuários leva a mais um fator que justifica esta pesquisa: a necessidade da concepção de projetos que considerem estratégias colaborativas e interdisciplinares, a fim de resultar em intervenções mais responsivas. Acredita-se que ouvir os usuários em diferentes etapas do processo projetual e construir um canal de comunicação mais colaborativo e

interdisciplinar possa, além de apoiar os projetistas na tomada de decisão, contribuir para a produção de espaços que de fato abracem a diversidade humana que os cerca.

As justificativas apresentadas reiteram a responsabilidade dos projetistas no sentido de pensar cidades e edificações para futuros pluralistas e complexos. Na mesma linha de pensamento, evidencia-se a necessidade de considerar tais aspectos na formação dos novos profissionais, para que possam fazer uso de novas tecnologias de forma responsável e equilibrada, como suporte na geração de projetos aderentes aos diferentes contextos e concebidos com bases sólidas em um pensamento reflexivo, multidisciplinar e crítico. Acredita-se que definir categorias de análise socioespacial, com estratégias claras para a observação de múltiplos aspectos ambientais, culturais e espaciais, possa subsidiar propostas arquitetônicas e urbanísticas intimamente ligadas com os anseios e necessidades dos usuários, bem como adequadas ambientalmente aos lugares em que estão inseridas.

Diante do exposto, o artigo tem como objetivo avaliar categorias de análise socioespacial frente à sua aderência aos projetos concebidos por estudantes de diferentes fases do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. A investigação contou com professores e estudantes que aceitaram contribuir com a pesquisa durante o período de ensino remoto emergencial decorrente da Pandemia de Covid-19, disponibilizando os projetos e autorizando a análise do material para o estudo.

2 PROCESSO DE PROJETO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Os avanços tecnológicos e as mudanças globais das relações sociais e econômicas influenciam os trabalhos em Arquitetura e Urbanismo. No Brasil, o contexto contemporâneo contempla o crescimento das cidades, o agravamento das condições de moradia e infraestrutura básica, a crescente preocupação com problemas ambientais, a ascensão de diversas tribos urbanas que constituem as cidades e buscam identificação e acesso aos espaços públicos principalmente, entre outros fatores. Essas características trazem exigências sobre o trabalho do arquiteto e demandam um aprimoramento dos procedimentos adotados e a aplicação de metodologias mais sistemáticas de pesquisa e projeto (KOWALTOWSKI, et al. 2006).

O processo de criação em Arquitetura e Urbanismo não possui, a priori, métodos rígidos, mas existe uma lógica de processo que compreende etapas utilizadas pela maioria dos profissionais. De acordo com Moreira (2013), o projeto arquitetônico envolve a ação criativa, o acúmulo de informações e de experiências, a formulação de hipóteses, a verificação das ideias, um sistema de notações próprias, que enfrenta desafios complexos. Lawson (2011) aponta que o papel do projetista está intimamente relacionado aos anseios que se tem sobre a sociedade e seu direcionamento, evidenciando a relação entre processo de projeto e contexto sociocultural.

A sociedade complexa, é caracterizada por atividades não lineares (MORIN, 2000), o que implica em alta especialização e no elevado número de profissionais e conhecimentos envolvidos nos processos de projeto (SILVA, 1998), onde uma das poucas constantes é a produção de novas variáveis a serem consideradas. As transformações socioculturais no processo projetivo em arquitetura são apresentadas por diversos autores (ALEXANDER, 1964; LAWSON, 2011; MALARD, 2006; MARTÍNEZ, 2000; RASMUSSEN, 2002; SILVA, 1998), entre outros.

Segundo Donald Schön, o profissional experimenta e repensa seu processo de conhecer-na-ação de modo a levantar novas questões e possibilidades a partir do problema de projeto (SCHÖN, 2000). Assim, ao mesmo tempo em que analisa o contexto para o qual pretende projetar e reestrutura a forma de conceber o problema, propõe experimentos para testar suas novas compreensões, que ganham materialidade nas etapas de concepção projetual.

Produzir uma arquitetura centrada no seu sujeito implica em pensá-la, projetá-la com compromisso no atendimento das necessidades humanas e ao contexto sociocultural presente. Comprometer-se com o caráter contextual no projeto de arquitetura e urbanismo significa, entre outros fatores, conhecer as bases culturais que inspiram as necessidades e expectativas dos diferentes grupos de usuários.

Ao considerar o processo de projeto não como uma receita, mas como um conjunto de estratégias que cada profissional busca construir para chegar à materialização de propostas espaciais adequadas, evidencia-se que a etapa de análise da pré-concepção é fundamental e pode orientar o restante do percurso projetual. Nesse sentido, as categorias de análise socioespacial podem contribuir para o desenvolvimento desta etapa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

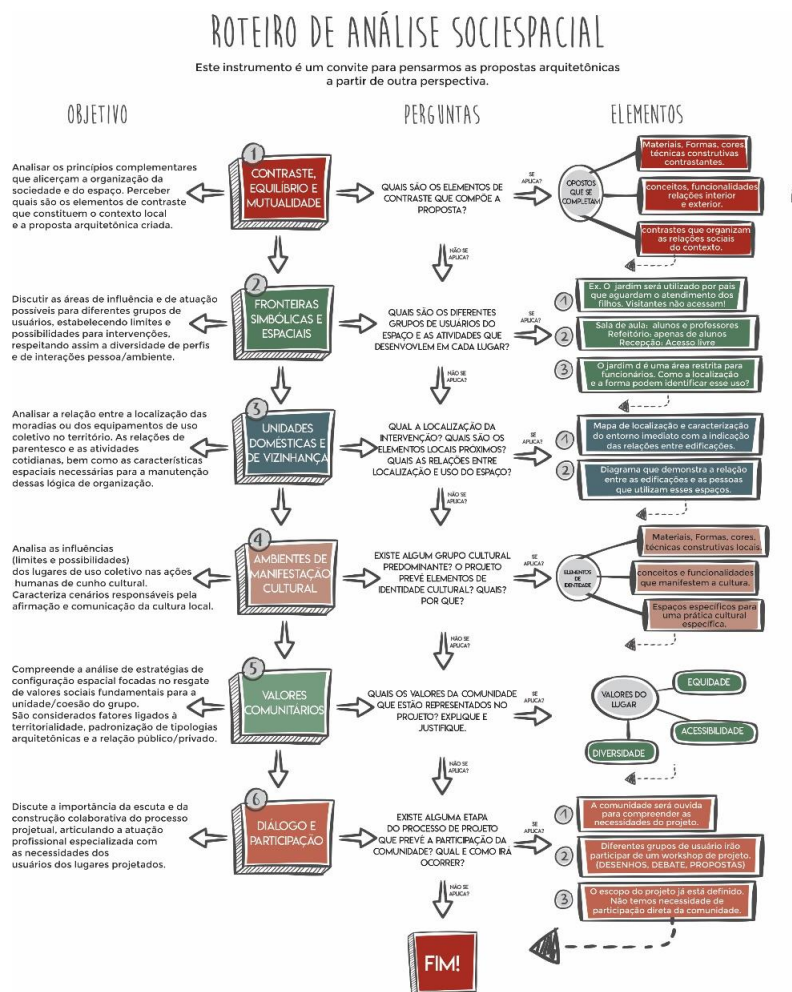
A pesquisa de abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). A presente pesquisa não objetiva representatividade numérica, mas o aprofundamento da compreensão acerca dos processos projetuais e a abordagem de elementos de análise socioespacial em diferentes fases do processo formativo de arquitetos e urbanistas.

Destacam-se como principais características da pesquisa qualitativa a objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar; precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; o respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores; suas orientações teóricas e seus dados empíricos (GERHARDT, SILVEIRA; 2009). Assim, a pesquisa se estrutura a partir das cinco etapas descritas a seguir.

A primeira etapa da pesquisa é a expansão e a descrição das categorias de análise socioespacial identificadas em uma pesquisa anterior junto a comunidades do Povo indígena Kaingang (DILL, 2019). As categorias foram revisadas e descritas para que pudessem ser aplicadas à análise de qualquer grupo cultural.

Na sequência, foi desenvolvido um instrumento para facilitar a análise das mesmas. Este se caracteriza por um roteiro de estudo do projeto, composto por questionamentos que são respondidos pelas pesquisadoras sobre as propostas projetuais desenvolvidas pelos estudantes, que não tiveram acesso ao roteiro, para que não fossem influenciados pelas categorias de análise durante o desenvolvimento dos projetos. O diagrama integra os objetivos de cada categoria de análise, as perguntas sobre o projeto e os elementos que auxiliam nas respostas, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1: Roteiro de análise.



Fonte: Elaboração própria

Para compreender a adoção das categorias de análise em diferentes fases do processo formativo de arquitetos e urbanistas na Universidade Federal de Santa Catarina, bem como a compreensão das mesmas tanto na escala da edificação quanto na do planejamento urbano, foram definidas três fases curriculares diferentes, quatro disciplinas e os trabalhos de conclusão de curso (TCC), conforme o quadro 1 abaixo:

Quadro 1: grupos participantes da pesquisa

Estágio da formação	Escala	
	Arquitetônica	Urbanística
Inicial	Projeto Arquitetônico e Paisagístico I 2ª Fase	Urbanismo e Paisagismo II 5ª Fase
Intermediário	Projeto Arquitetônico V e VI 7ª e 8ª Fase	Urbanismo e Paisagismo IV 7ª Fase
Final	TCC – Projetos na escala arquitetônica 10ª Fase	TCC – Projetos na escala urbana 10ª Fase

Fonte: Elaboração própria.

Para a escolha das disciplinas, considerou-se não apenas a fase do curso, mas a experiência projetual oferecida pela disciplina. No caso do estágio inicial, considerou-se a segunda disciplina em cada uma das escalas, excluindo-se assim a disciplina de Introdução ao Projeto de Arquitetura e do Urbanismo (1ª Fase) e Urbanismo I (4ª Fase). Para o estágio intermediário, na escala da edificação, foram consideradas duas disciplinas, pois os projetos iniciam-se na sétima fase e tem continuidade na oitava. Por fim, os trabalhos de conclusão de curso são realizados majoritariamente na décima fase e marcam a finalização dessa etapa do processo formativo dos estudantes. Para cada escala de projeto considerada em cada momento de formação foram analisados dois projetos escolhidos aleatoriamente, totalizando doze projetos como amostra dessa pesquisa.

Cada um dos projetos foi descrito e analisado a partir do instrumento criado (Figura 1) e do diálogo com os projetistas, no caso de haver a necessidade de sanar alguma dúvida sobre a proposta. Ao final da análise, foi elaborado um quadro síntese sobre os resultados (modelo representado no Quadro 2), que sintetiza a relação entre as características do projeto e as categorias de análise socioespacial consideradas.

Quadro 2: Síntese da análise

Identificação do projeto	1. Contraste, equilíbrio e mutualidade	2. Fronteiras simbólicas e espaciais	3. Unidades domésticas e de vizinhança	4. Ambiente de manifestação cultural	5. Valores comunitários	6. Diálogo e participação
Título da proposta:						
Escala:						
Etapa de formação:						

Legenda: Totalmente contemplada Parcialmente contemplada Não contemplada

Identificação de possível nova categoria de análise socioespacial

Fonte: Elaboração própria

Após o estudo dos projetos, as categorias de análise foram revisadas, considerando a possibilidade de manutenção das categorias, ajustes e também o surgimento de novos elementos de análise socioespacial, descobertos através da análise das práticas projetuais dos estudantes. Como última etapa dessa pesquisa, foi realizada a revisão, diagramação e disponibilização do material desenvolvido para que possa ser utilizado como instrumento de análise socioespacial nas mais variadas disciplinas de projeto em arquitetura e urbanismo.

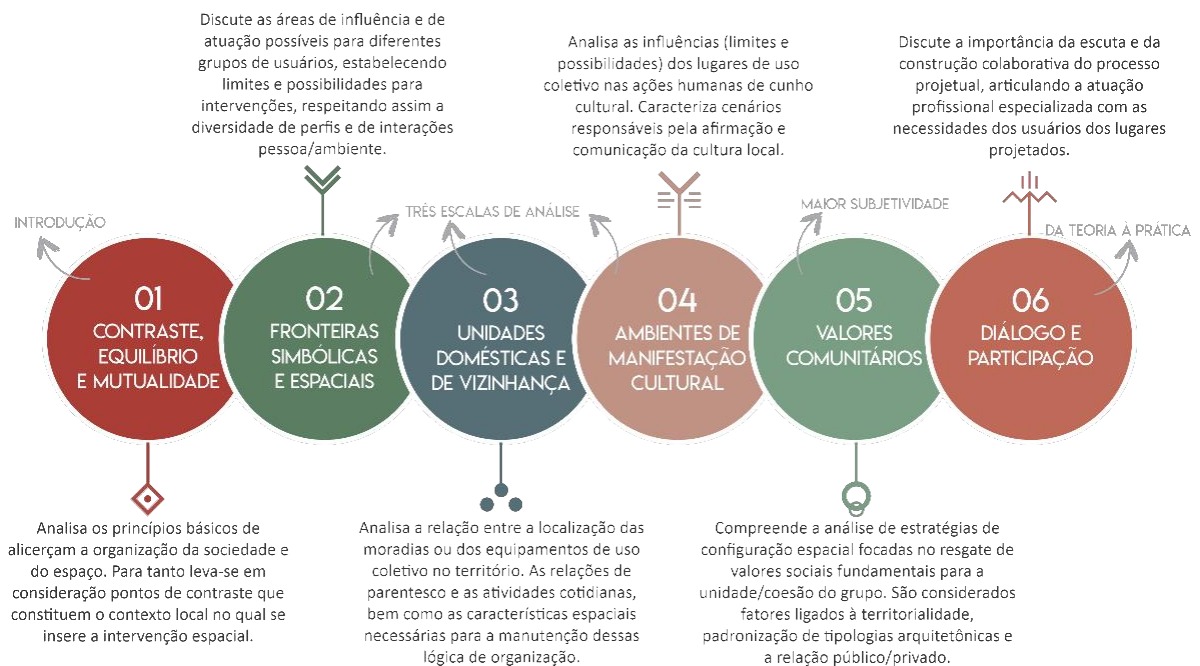
Vale destacar que os estudantes que colaboraram com a pesquisa não tiveram acesso às categorias de análise socioespacial durante a elaboração de seus projetos para que não fossem influenciados por elas durante o desenvolvimento das propostas. Essa medida foi tomada para possibilitar uma avaliação mais confiável das categorias existentes e compreender em que medidas esses aspectos já estão contemplados na formação dos estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, mesmo não sendo colocados explicitamente como elementos de análise para o projeto.

4 DESENVOLVIMENTO

A partir dos estudos e da sistematização das abordagens teóricas e conceituais de pesquisadores que tratam da análise com foco no projeto de arquitetura e urbanismo, as categorias inicialmente delineadas foram revistas, expandidas e, na medida do possível, ampliadas a fim de se adaptarem para a análise de diferentes contextos culturais. As categorias de análise socioespacial aqui apresentadas foram identificadas através da pesquisa sobre as relações existentes entre espaço e cultura no contexto de comunidades indígenas Kaingang¹ (DILL, 2019) e objetivam orientar o olhar dos profissionais de arquitetura e urbanismo para que possam propor intervenções espaciais mais aderentes e adequadas ao contexto sociocultural local.

Para acessar diferentes escalas e especificidades culturais, tais categorias foram generalizadas, partindo do princípio de que existem elementos estruturantes recorrentes em diversos contextos. As categorias resultantes são apresentadas na Figura 2.

Figura 2: Categorias de análise socioespacial.



Fonte: Elaboração própria.

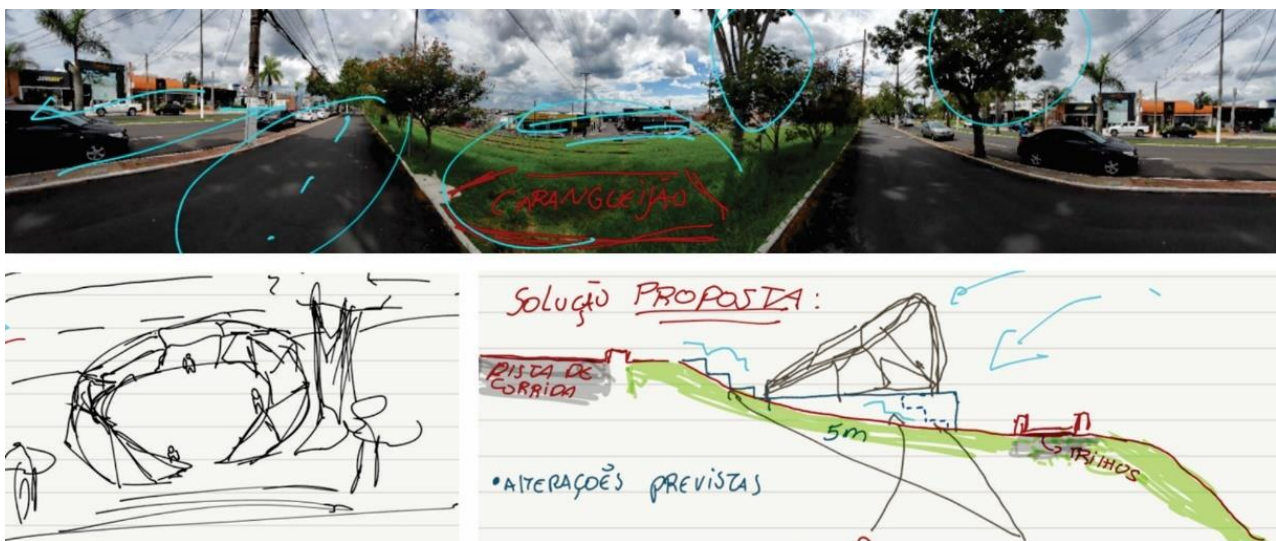
- **Contraste, equilíbrio e mutualidade:** Esta categoria tem origem no entendimento dos princípios cosmológicos que regem a sociedade e o espaço indígena Kaingang, isto é, o dualismo e a complementaridade representada nas metades tribais Kamé e Kairu que, apesar de apresentarem características antagônicas, são mutuamente dependentes e a presença de ambas é necessária para que as comunidades vivam em equilíbrio. Para construir a análise a partir dessa categoria, é necessário observar o espaço projetado e sua materialidade no que diz respeito aos elementos opostos presentes, que atuam de maneira complementar em prol do equilíbrio da proposta, entre os quais destacam-se: materiais, técnicas construtivas, conceitos utilizados no projeto, funcionalidades, relações interior/exterior e formas arquitetônicas presentes.
- **Fronteiras simbólicas e espaciais:** Ao pensar uma proposta de intervenção espacial, independente da escala, é necessário avaliar quais são os atores e usuários envolvidos, quais as principais atividades desenvolvidas nos espaços propostos e se há delimitações de áreas de influências de grupos específicos. Essa categoria objetiva mapear essas relações, identificando espaços de interação livre, lugares de uso restrito e ambientes sobre os quais não se deve interferir.
- **Unidades domésticas e de vizinhança:** A posição das edificações pode sinalizar a relação que estas estabelecem com a comunidade na qual se inserem. Para dar alguns exemplos, a localização de uma praça nas proximidades de uma área densamente ocupada por moradias pode indicar maior apropriação desse espaço; a implantação de um parque distante de área residencial, cujo acesso precisa ser feito com transporte motorizado, pode implicar na redução da tendência de ocupação e apropriação deste pela comunidade; ao residir em uma área com comércio local diversificado, é provável que as pessoas se desloquem menos utilizando carros e que estreitem as relações com a vizinhança. Tendo em vista essa dimensão do posicionamento e relações de vizinhança, essa categoria prevê o mapeamento das edificações e a identificação dos vínculos pessoais ou entre pessoas e espaços que derivam dessa organização espacial.

- **Ambientes de manifestação cultural:** Entende-se que tanto em edificações quanto na estrutura geral da cidade são criados espaços cujo uso indica a identidade cultural de seus usuários. Nesse sentido, essa categoria se propõe a analisar as influências (limites e possibilidades) dos lugares de uso coletivo ou individual nas ações humanas de cunho cultural. Caracteriza cenários responsáveis pela afirmação e comunicação da cultura local.
- **Valores comunitários:** A análise proposta nessa categoria envolve maior subjetividade, da medida em que considera a necessidade compreender a dinâmica das relações sociais que envolvem os usuários da edificação, do bairro ou da cidade. É necessário compreender seus hábitos, as relações estabelecidas hierarquicamente, quem são os atores responsáveis pelas tomadas de decisão no grupo, etc. Busca-se dessa forma, compreender estratégias de configuração espacial focadas nos valores sociais fundamentais para a unidade/coesão do grupo. São considerados fatores ligados à territorialidade, padronização de tipologias arquitetônicas e a relação público/privado.
- **Diálogo e participação:** Por fim, esta análise diz respeito às estratégias de participação adotadas na proposta. Discute-se a importância da escuta e da construção colaborativa do processo projetual, articulando a atuação profissional especializada com as necessidades e os saberes dos usuários dos lugares projetados.

Posteriormente, partiu-se para a análise dos projetos. Nesta etapa, cada um deles foi descrito e examinado conforme o roteiro pré-estabelecido. Para exemplificar o percurso analítico, apresenta-se a seguir um dos projetos desenvolvidos no estágio inicial de formação, na disciplina ARQ 5633 Projeto arquitetônico e paisagístico I, na qual os professores propuseram o desenvolvimento de um estudo preliminar individual de uma arquitetura itinerante com uso a ser definido individualmente ou em grupos, com ênfase em um dos seguintes aspectos: luz, cor, materiais e texturas, espaço e escala, ritmo.

A proposta, intitulada Carangueirão², foi desenvolvida para a cidade de Marília-SP. Conforme ilustra a Figura 3, nas proximidades do local escolhido existe uma pista de corrida, também ocupada por ciclistas, skatistas, um espaço utilizado para a prática de yoga e outros exercícios e comércio local.

Figura 3: Estudos para a proposta da intervenção.



Fonte: PRADO,2020.

O objetivo do projeto foi criar um espaço de repouso para os praticantes de atividades ao ar livre, incentivando a interação social e aproveitando o sombreamento proporcionado pela vegetação existente. A Proposta considera a topografia existente e sugere a criação de um patamar de cinco metros de altura para receber a intervenção.

Figura 4: Visual frontal e posterior da intervenção



Fonte: PRADO, 2020.

Os caminhos organicamente trilhados pela comunidade local são legitimados e consolidados pelo projeto, valorizando uma tradição local. A proposta, tida como um modelo a ser replicado em diversos espaços da cidade, que pode funcionar como um elemento de identidade visual, sugere qualificação da iluminação do lugar por meio da intervenção, aumentando a segurança, incentivando a apropriação em diferentes horários e beneficiando o comércio local, principalmente os voltados para serviços de lazer e alimentação.

Quanto às categorias de análise, observa-se que estão contempladas parcialmente no projeto, conforme indica o Quadro 3.

Quadro 3: Síntese da análise - Projeto 01

Identificação do projeto	1. Contraste, equilíbrio e mutualidade	2. Fronteiras simbólicas e espaciais	3. Unidades domésticas e de vizinhança	4. Ambiente de manifestação cultural	5. Valores comunitários	6. Diálogo e participação.
Título da proposta: Caranguejão						
Escala: Arquitetônica	Abordar elementos históricos para identificação de símbolos ou práticas culturais.					
Etapa de formação: 1	Oferecer elementos de análise social para compreensão do modo de vida em sociedade.					
	Estratégias de escuta dos usuários e metodologia de projeto participativo em diferentes níveis.					

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se a contemplação de contraste, equilíbrio e mutualidade, na medida em que o material (concreto armado) e as cores vibrantes contrastam com o verde da vegetação existente ao mesmo tempo que criam uma conexão com as vias pavimentadas. A diferença de alturas e aplicação de formas geométricas, possibilita diversidade de usos e contempla públicos com diferentes características físicas.

Apesar de o espaço ser aberto e público, existe uma clara delimitação de fronteiras simbólicas e espaciais, pois a delimitação da área da intervenção é clara e proporciona alta legibilidade. Como já mencionado na apresentação do projeto, a localização leva em consideração os usos já consolidados pela população e a presença de comércio local no entorno imediato. Ao analisar as fotografias presentes do estudo, pode-se supor a existência de área residencial próxima, o que poderia caracterizar mais um aspecto de qualificação do lugar para quem reside nas proximidades.

Ao analisar a forma proposta, percebe-se que o objeto arquitetônico tem caráter icônico e potencial para representar um elemento de identidade visual da cidade, principalmente de construir uma relação de pertencimento com a comunidade local. Por fim, não foram encontrados elementos que considerem a participação da comunidade no processo de projeto. No entanto, é necessário considerar que o mesmo foi realizado em meio à Pandemia de Covid-19, no período de atividades remotas emergenciais.

Após a análise inicial das categorias em relação aos projetos elaborados nas diferentes fases do percurso formativo de arquitetos e urbanistas da UFSC, identificou-se que a maioria delas foi contemplada nas propostas, conforme quadro 4:

Quadro 4: Identificação das categorias de análise nos projetos dos estudantes³

Identificação do projeto	1. Contraste, equilíbrio e mutualidade	2. Fronteiras simbólicas e espaciais	3. Unidades domésticas e de vizinhança	4. Ambiente de manifestação cultural	5. Valores comunitários	6. Diálogo e participação.
Título da proposta: Caranguejão Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 1						
Abordar elementos históricos para identificação de símbolos ou práticas culturais. Oferecer elementos de análise social para compreensão do modo de vida em sociedade. Estratégias de escuta dos usuários e metodologia de projeto participativo em diferentes níveis.						
Título da proposta: Arquitetura itinerante infantil Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 1						
Identidade visual simbólica. Iconografia. Pensar a atividade a ser desenvolvida a partir da cultura. Analisar como aplicar a categoria de unidades domésticas e de vizinhança quando a proposta é adaptável a diferentes contextos. Explorar a possibilidade de experiências sociais a partir da edificação e Pensar estratégias de projeto participativo com crianças.						
Título da proposta: Centralidade Bosque das Palmeiras Escala: Urbana Etapa de formação: 1						
Ao longo do projeto a linguagem formal se transforma, com a inserção gradativa de formas orgânicas. Pensar estratégias de transição de uso e de identidade dos espaços como elementos de análise. Projetistas como usuáries do local, mas sem estratégias projetuais de escuta.						
Título da proposta: Centralidade HIS Escala: Urbana Etapa de formação: 1						
Projetistas como usuáries do local, mas sem estratégias projetuais de escuta. Pensar estratégia de contemplar usuários por grupos de interesse, não necessariamente ligados ao contexto local específico.						
Título da proposta: Centro de terapia ocupacional de apoio Psicológico Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 2						
Pensar estratégia de contemplar usuários por grupos de interesse, não necessariamente ligados ao contexto local específico.						
Título da proposta: Edifício multifuncional Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 2						
Título da proposta: Proposta urbanística para o setor 4. Escala: Urbanístico Etapa de formação: 2						
Título da proposta: Proposta urbanística para o setor 3. Escala: Urbanístico Etapa de formação: 2						
Título da proposta: Casa de passagem indígena Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 3						
Título da proposta: Hospital integrativo e multidisciplinar. Escala: Arquitetônica Etapa de formação: 3						
Perceber e considerar as diversas dimensões da arquitetura: programa, normas, relação com a cidade, etc.						
Título da proposta: Cidade Universitária de São José Escala: Urbanística Etapa de formação: 3						
Pensar a possibilidade de além das unidades domésticas e de vizinhança, considerar as relações das intervenções com o contexto municipal e regional quando possível (Áreas de influência da intervenção)						
Título da proposta: Proposta de diretrizes urbanas para a valorização das rugosidades da Rua General Bittencourt Escala: Urbanística Etapa de formação: 3						
Avaliar a possibilidade de junção das categorias 4 e 5, pois aparecem na maioria dos casos, conectadas.						

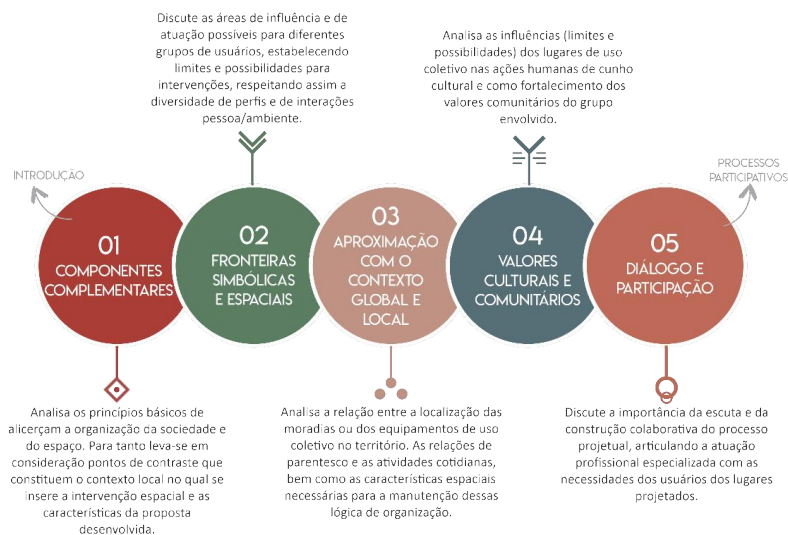
Fonte: Elaboração própria.

A análise possibilitou a reflexão a respeito tanto da possibilidade de inserção de novas categorias, a fim de ampliar a abordagem da análise e aumentar a segurança dos projetistas no desenvolvimento das propostas, quanto a junção de algumas delas, haja vista a proximidade de suas aplicações nos projetos.

Entre as principais alterações a serem consideradas, destacam-se as seguintes: a abordagem de elementos históricos para identificação de símbolos ou práticas culturais locais, oferecer elementos de análise social para compreensão do modo de vida em sociedade, disponibilizar estratégias de escuta dos usuários e metodologias de projeto participativo em diferentes níveis, identificação da identidade visual simbólica, pensar a atividade a ser desenvolvida a partir da cultura, analisar como aplicar a categoria de unidades domésticas e de vizinhança quando a proposta é adaptável a diferentes contextos, explorar a possibilidade de experiências sociais a partir da edificação e pensar estratégias de projeto participativo com crianças, pensar estratégias de transição de uso e de identidade dos espaços como elementos de análise, pensar estratégia para contemplar usuários por grupos de interesse, não necessariamente ligados ao contexto local específico, perceber e considerar nas categorias de análise as diversas dimensões da arquitetura: programa, normas, relação com a cidade, etc., pensar a possibilidade de além das unidades domésticas e de vizinhança considerar as relações das intervenções com o contexto municipal e regional quando possível (Áreas de influência da intervenção), avaliar a possibilidade de junção das categorias 4 e 5, pois aparecem na maioria dos casos, conectadas.

A partir dos elementos descritos anteriormente, as categorias de análise iniciais foram revistas, revisadas, ampliadas, unificadas e reescritas conforme ilustra a figura 5.

Figura 5: Categorias de análise socioespacial.



Fonte: Elaborado pela autora

Além da descrição de cada categoria, são incluídas perguntas orientadoras para a análise de cada uma delas:

- **Componentes complementares:** A sociedade contemporânea é caracterizada pela conformação de um mosaico sociocultural, no qual diversos elementos, muitas vezes antagônicos e contraditórios, precisam dialogar e conviver. Compreendendo essa diversidade, inerente ao nosso tempo, essa categoria tem como objetivo identificar tanto nas propostas espaciais quanto nos contextos sobre os quais se planeja uma intervenção, esses elementos complementares. Para construir a análise a partir dessa categoria, é necessário observar o espaço projetado e sua materialidade no que diz respeito aos elementos opostos presentes que atuam de maneira complementar, em prol do equilíbrio da proposta entre os quais destacam-se: materiais, técnicas construtivas, conceitos elementares utilizados no projeto, funcionalidades, formas arquitetônicas presentes e grupos de usuários.
Perguntas para orientar a análise: Quais são os elementos complementares/contrastantes considerados na proposta? (Materiais, cores, técnicas construtivas, conceitos, funcionalidades, grupos de pessoas, entre outros); Quais as relações construídas entre meio natural e espaço edificado? Há diversidade de estruturas funcionais? Elas são segmentadas por grupos de usuários? Quais os grupos de usuários considerados na proposta? São considerados complementares/opostos? Por que? A forma arquitetônica ou urbanística adotada na proposta se mantém no desenvolvimento de todo o projeto ou sofre alterações de acordo com a porção da proposta analisada? Por que isso acontece? A proposta equilibra necessidades técnicas, contextuais, materiais, econômicas e simbólicas? Como analisa a conexão entre essas dimensões da arquitetura e do urbanismo?
- **Fronteiras simbólicas e espaciais:** Ao pensar uma proposta de intervenção espacial, independente da escala, é necessário avaliar quais são os atores e usuários envolvidos, quais as principais atividades

desenvolvidas nos espaços propostos e se há delimitações de áreas de influências para grupos ou atividades específicas. Essa categoria objetiva mapear essas relações, identificando espaços de interação livre, lugares de uso restrito e ambientes nos quais não se deve interferir. Esta análise inclui a observação de fronteiras físicas e simbólicas, restrições de acesso, análise de permeabilidade das propostas bem como as relações entre espaços públicos e privados, de uso coletivo e individual.

Perguntas para orientar a análise: Existem lugares com restrição de acesso na proposta? Quais as diferentes atividades que a proposta precisa contemplar? Quais as necessidades espaciais para o desenvolvimento de cada uma delas? As áreas de influência da proposta são separadas por barreiras físicas ou apenas simbólicas? Os lugares mais segregados, se caracterizam dessa maneira intencionalmente? A proposta tem barreiras visuais, ao movimento ou ambas? Por quê?

- **Aproximação com o contexto global e local:** A trama na qual as propostas de intervenção espacial se inserem, desde a escala global até as unidades de vizinhança podem revelar características fundamentais para compreender as dinâmicas socioespaciais presentes. A localização das edificações pode sinalizar a relação que estas estabelecem com a comunidade na qual se inserem. Para dar alguns exemplos, a localização de uma praça nas proximidades de uma área densamente ocupada por moradias, pode indicar maior apropriação desse espaço; a implantação de um parque distante de área residencial, cujo acesso precisa ser feito com transporte motorizado, pode implicar na redução na tendência de ocupação e apropriação deste pela comunidade; ao residir em uma área residencial com comércio local diversificado, é provável que as pessoas se desloquem menos utilizando carros e que estreitem as relações com a vizinhança. Tendo em vista essa dimensão do posicionamento em relação ao bairro, à cidade, à região, e relações de vizinhança, essa categoria prevê o mapeamento das edificações e a identificação dos vínculos pessoais, institucionais e entre pessoas e lugares que derivam dessa organização espacial.

Perguntas para orientar a análise: Qual a relação da proposta com as edificações pré-existentes? Existe uma relação entre localização da proposta e uso do espaço? Qual é? A intervenção altera ou reforça dinâmicas cotidianas existentes? Qual o impacto da implantação da proposta no contexto da cidade, do bairro ou da região? Os sistemas de mobilidade existentes ou propostos, colaboram para que os usuários se sintam encorajados a vivenciar a rua e demais os lugares de uso coletivo do entorno?

- **Valores culturais e comunitários:** A análise proposta nessa categoria considera a necessidade compreender a dinâmica das relações sociais e culturais que envolvem os usuários da edificação, do bairro ou da cidade. É necessário compreender seus hábitos, as relações estabelecidas hierarquicamente, quem são os atores responsáveis pelas tomadas de decisão no grupo, etc. Busca-se dessa forma, compreender estratégias de configuração espacial focadas nos valores sociais fundamentais para a unidade/coesão do grupo. São considerados fatores ligados à territorialidade, padronização de tipologias arquitetônicas e a relação público/privado. Nesse sentido, entende-se que tanto em edificações quanto na estrutura geral da cidade, são criados espaços a partir da identidade cultural de seus usuários. Nesse sentido, se propõe a analisar as influências (limites e possibilidades) dos lugares de uso coletivo ou individual nas ações humanas de cunho cultural. Caracteriza cenários responsáveis pela afirmação e comunicação da cultura local e fortalecimento dos valores comunitários estabelecidos pelo grupo. Como estratégias para apreender esse contexto sociocultural, sugere a abordagem histórica e o diálogo com moradores do entorno para identificação de elementos, símbolos e práticas culturais.

Perguntas para orientar a análise: Existem símbolos locais que identificam o lugar ou uma referência cultural icônica? É possível identificar elementos de identidade cultural local? Quais? Como se organizam os moradores da região? Associação, individualmente? Há algum grupo cultural predominante ou em processo de afirmação cultural? De que lugares precisam para que possam se manifestar culturalmente? A forma e a localização da proposta podem encorajar a prática de valores comunitários desejáveis? Quais os valores comunitários contemplados pela proposta? A proposta estabelece relação com o contexto local? Quais são elas? (Sugere-se a análise a partir de mapas e diagramas) São propostos espaços que incentivam o convívio/encontro entre pessoas de diferentes grupos sociais? A proposta contempla espaços nos quais a comunidade ou os indivíduos possam intervir? Há possibilidade de continuidade/ampliação/modificação do projeto de forma espontânea?

- **Diálogo e participação:** Por fim, esta análise diz respeito às estratégias de participação adotadas na proposta. Discute-se a importância da escuta e da construção colaborativa do processo projetual, articulando a atuação profissional especializada com as necessidades e anseios dos usuários dos lugares projetados.

Perguntas para orientar a análise: Quais os principais grupos de usuários de seus projeto? Os usuários serão ouvidos ao longo do processo? De que maneira? Como pode acessá-los para ouvir quais são as necessidades e expectativas sobre a proposta? O projetista é um possível usuário da proposta? Suas experiências no local foram consideradas? Existem associações ou pesquisas anteriores com grupos de usuários com perfil semelhante ao que a proposta pretende atender? Poderia utilizar pesquisas anteriores para identificar as necessidades a partir de um grupo de interesse, isto é, com base em dados de outros estudos elaborados anteriormente?

Com o objetivo de disponibilizar à comunidade acadêmica os resultados da pesquisa e criar um canal de comunicação com a mesma acerca das categorias de análise, foi desenvolvido o material gráfico em formato A3 apresentado a seguir. Na parte da frente, está uma explicação sintética do instrumento e de cada uma das categorias de análise, conforme Figura 6. No verso são colocadas as perguntas direcionadas à cada categoria, com o intuito de tornar a análise mais objetiva. O material pode ser dobrado de forma sanfonada, resultando em folder com dimensão final de 70x220mm. Na capa do material, foi disponibilizado

já que a pesquisadora que realizou a análise não participou do processo de desenvolvimento dos projetos ao longo do semestre e apenas assistiu à apresentação dos resultados finais.

Esse estudo buscou identificar em que medida aspectos ligados à análise socioespacial foram considerados nas propostas apresentadas e estudar as categorias de análise anteriormente identificadas, a fim de verificar sua relevância e aderência frente as diferentes etapas do processo formativo de arquitetos e urbanistas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os resultados levam à conclusão que todas as categorias podem ser contempladas mesmo considerando a diversidade de temáticas e escalas de intervenção. A análise dos projetos também possibilitou o agrupamento de duas categorias, visto que os resultados obtidos a partir de ambas eram muito similares. Outro aspecto identificado foi que ao se considerar a participação ou escuta de possíveis usuário nos processos de projeto, abordando assim a categoria “Diálogo e participação”, as demais categorias eram naturalmente contempladas. Se de um lado essa conclusão evidencia a importância da utilização de instrumentos para processos de projetos mais participativos, indica também a necessidade de instrumentalizar os estudantes para essa prática, abordando metodologias participativas que possam ser aplicadas em diferentes contextos e escalas de projeto.

Essa instrumentalização surge como elemento fundamental para que as categorias de análise possam fazer parte das primeiras etapas de projeto. Nesse sentido, entende-se a necessidade de aprofundar e criar técnicas mais objetivas para que os estudantes possam utilizar essas categorias. O instrumento apresentado apresenta-se como um estudo preliminar nesse sentido.

O estudo dos projetos em relação às análises socioespaciais leva ao entendimento de que esses fatores são considerados pelos estudantes, mesmo que parcialmente em alguns casos, fruto de um processo formativo que incentiva essas reflexões desde as primeiras fases da graduação. Nesse sentido, surge um questionamento sobre como essa instrução profissional ocorre em outros contextos da área, em universidades privadas por exemplo.

Finalmente, entende-se que os processos de projeto em arquitetura e urbanismo devem ser compreendidos como um caminho, configurado por uma série de escolhas, próprias de cada projetista e do contexto específico no qual se presente interferir espacialmente. No entanto, oferecer estratégias claras e aplicáveis para que aspectos socioculturais sejam considerados desde as primeiras etapas do processo, contribui para a elaboração de espaços mais adequados às necessidades humanas e com maior potencial de se apresentarem como instrumento de afirmação cultural, reconhecimento da diversidade humana e com maiores índices de satisfação dos usuários.

4 REFERÊNCIAS

- DILL, F. M. *Linguagem socioespacial: A dimensão espacial do modo de viver Kaingang*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina – PósARQ UFSC. 2019.
- ALEXANDER, C. *Notes on the synthesis of form*. McGraw Hill, Nova York, (1964).
- GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. PLAGEDER. 2009.
- KING, A. “Re-presenting World Cities: Cultural Theory/Social Practique in Knox.” In: *Worlds Cities in a World System*, por P. P.& Taylor. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; BIANCHI, G.; PETRECHE, J. R. D. A criatividade no processo de projeto. In: KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et al. (org.). *O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p. 21-56.
- LAWSON, B. *Como os arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de textos, 2011.
- MALARD, M. *As Aparências em Arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MARTÍNEZ, A. C. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora da UNB, 2000
- MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.2001.
- MOREIRA, D. de C. Introdução. In: KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et al. (Org.). *O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. p. 9-12.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PRADO, A. B. C. *Caranguejão*. Proposta de intervenção espacial desenvolvida na disciplina ARQ 5633 Projeto arquitetônico e paisagístico I. UFSC. 2020.
- RASMUSSEN, S. E. *Arquitetura vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, E. *Uma introdução ao projeto arquitetônico*. Porto Alegre: Editora da URS, 1998.

NOTAS

1 Fruto da observação, da participação e das demais técnicas adotadas durante o desenvolvimento da pesquisa, pautadas da bibliografia e na memória dos colaboradores, foi possível elaborar um quadro analítico que caracterizou o Povo Kaingang a partir de sua cultura tradicional. A partir desse quadro, foram identificadas as práticas contemporâneas em relação a cultura tradicional, para perceber as mudanças ocorridas a partir do diálogo interétnico, as práticas culturais que permanecem vivas, as ações tradicionais que se quer resgatar e outras, que na contemporaneidade são ressignificadas. Após estas análises foi possível caracterizar as comunidades na contemporaneidade. Em seguida os diversos fatores levantados foram agrupados com foco nos aspectos espaciais que representam para originar as categorias de análise socioespacial.

2 Projeto desenvolvido pela estudante Ana Beatriz Caetano Prado a quem agradecemos a autorização da utilização do seu projeto como objeto de análise da pesquisa.

3 O relatório completo da pesquisa realizada, com as imagens e análises de todos os projetos está disponível em <https://www.identidades.arq.br/pesquisas> (site em desenvolvimento sob responsabilidade da autora).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).